

A queda¹

Luis Fernando Orduz², Bogotá

Resumo: Uma das marcas de origem da disciplina psicanalítica está relacionada aos fenômenos históricos. O desmaio ou queda desses pacientes é um dos sintomas frequentes encontrados por Freud em seu tempo.

Palavras-Chaves: histeria, queda, pai, idealização.

No início do filme *La Haine* (1995)³ há uma cena em que um homem cai de um prédio de cinquenta andares e, para se acalmar enquanto cai no vazio, ele não para de dizer: *“Até agora tudo está indo bem, mas o importante não é a queda, é o pouso”*.

No final do filme, a cena é repetida, mas algo da frase muda: *Esta é a história de uma sociedade que está afundando e, à medida que ela afunda, não para de dizer a si mesma: Até agora tudo está indo bem, mas o importante não é a queda, é o pouso.*

Seis anos depois do filme ter sido feito, um espectador está na frente de uma tela, desta vez menor. Seu olhar foi aprisionado na imagem repetida da queda das torres gêmeas. A tela repetiu incessantemente o colapso deste par de monumentos, símbolos-padrão de progresso moderno e/ou capitalismo selvagem.

Por que a repetição incessante deste colapso? Existe alguma coisa nessa repetição que está associada ao que não pode ser assimilado ou representado? Existe alguma coisa na imagem do monumento em colapso que aprisiona meu olhar?

A imagem da queda horroriza e parece petrificar a visão, como a visão das Górgonas poderia petrificá-la, ou como a mulher de Lot ficou petrificada ao procurar uma última imagem de Sodoma.

Seria o colapso ou queda aquilo que congela o olhar do espectador?

1. Tradução do próprio autor para o português, com revisão de Adalberto Goulart.

2. Membro titular da Sociedade Colombiana de Psicanálise.

3. Filme francês, com direção de Mathieu Kassovitz e produção de Christophe Rossignon, 1995.

Ou seria a imagem, qualquer imagem, a que fascina o espectador mórbido que nos habita desde o século 20?

Há, na minha opinião, algo de uma iconofilia que a mídia visual construiu e que nos sujeita passivamente a sermos *voyeurs* que pedem espetáculos para saciar nossa voracidade.

Enquanto o olhar é roubado pela incessante queda das torres, o *close-up* que foi criado pela tecnologia moderna, está se aproximando de outra queda. Estou me referindo à imagem dos corpos que, tomados pela asfixia e pelo sufocamento e na iminência da morte, se lançam no vazio. O que se passaria nas mentes daquelas pessoas que escolhem o salto ao fogo?

As torres caem, desmoronam. As pessoas são jogadas no vazio, se precipitam. Por outro lado, o bárbaro comemora o colapso da modernidade.

Alguns meses antes, dois belos e grandiosos Budas foram igualmente destruídos pelos talibãs no meio de um penhasco rochoso localizado no vale de Bamiyan. Mas, eu deduzo que, como estavam à margem do nosso império ocidental, em um território sem tecnologia, sua queda não ocupou o centro de nossa profunda e civilizada telescopia como aconteceu com as torres gêmeas.

Para o ortodoxo talibã, o nome de Deus não pode ser representado e, a partir dessa afirmação, fizeram uma ação coerente. Derrubam ídolos, para o terror do Ocidente moderno, bem como para efusividade de uma vertente do Islã que busca respeitar a tradição e que olham com horror para a construção de ídolos tanto quanto nós olhamos com horror à sua queda.

A queda de ídolos acompanha a história da humanidade ocidental de tempos em tempos, cada época constrói sua narrativa, sua imago-grafia. Apenas para um exercício de memória, recordemos o impacto no século XX as quedas que abalaram a potência da sua estrutura: A queda do Hindenburg (1937, em New Jersey)⁴, o naufrágio do Titanic (1912, Terranova)⁵. No Brasil,

4. LZ 129 Hindenburg, ou simplesmente Hindenburg, foi um dirigível construído pela empresa Luftschiffbau-Zeppelin GmbH, na Alemanha. O dirigível, até os dias atuais retém o título de a maior nave a voar, foi um ícone da indústria alemã amplamente empregado como e na propaganda nazista. Incendiou e caiu no momento do pouso, em 6 de maio de 1937, em New Jersey.

5. O naufrágio do RMS Titanic ocorreu entre a noite de 14 de abril até à manhã de 15 de abril de 1912 no Atlântico Norte, quatro dias após o início da viagem inaugural do navio que partiu de Southampton com destino à cidade de Nova Iorque.

o 2x1 no Maracanã dos anos cinquenta⁶ ou o 7x1 mais recente⁷.

Voltando ainda mais no tempo, movimento muito afim da nossa disciplina psicanalítica, posso recordar que a inauguração da modernidade teve, no meu conceito, origem numa queda. A queda da cabeça de Luís XVI é o marco central da revolução francesa tanto quanto a tomada da Bastilha.

A chapa de aço afiada, projetada por um secretário da academia de cirurgia francesa (Antoine Louis) e fabricada por um especialista em construção de cravos (Tobias Schmidt) caiu rapidamente e, com um golpe, desmembrou a cabeça de um rei de seu corpo. A cabeça cortada que cai, novamente fascinação e horror. Desta vez o horror ocorreu por parte da tradição deixando o tumulto, festivo e maníaco, para o povo revolucionário.

Não é qualquer parte do corpo que cai, é o símbolo do centro de um sistema. Na queda da cabeça de Luís XVI, já não se pode dizer: o rei está morto, viva o rei, porque precisamente o que foi decapitado é o sujeito “Rei”.

A queda de Luís XVI se reflete em uma famosa música da banda inglesa Coldplay chamada Viva la vida⁸:

*Eu costumava dominar o mundo
Mares se agitavam ao meu comando
Agora, pela manhã, durmo sozinho
Varro as ruas que costumava possuir.
Eu costumava jogar os dados
Sentia o medo nos olhos dos meus inimigos
Ouvia como o povo cantava
“Agora o velho rei está morto!
Vida longa ao rei!”
...
Revolucionários esperam*

6. Final da Copa do Mundo de 1950, quando o Brasil perdeu para o Uruguai.

7. Copa do Mundo de 2014, quando o Brasil perdeu para a Alemanha.

8. Composta por todos os membros da banda (Chris Martin, Guy Berryman, Jonny Buckland, Will Champion) para o seu quarto álbum, Viva la Vida ou Death and All His Friends, de 2008.

*Pela minha cabeça em um prato de prata
Apenas uma marionete em uma solitária corda
Oh, quem realmente ia querer ser rei?*

Essa queda do ídolo não é apenas algo que caracteriza o contemporâneo. Todo ato revolucionário pede a queda de algo, a queda da cabeça, os símbolos capitais do império, a queda de seus monumentos. O último emblema do Império Romano, Afranio Siagrio, deixou a cabeça nas mãos de Clodoveo, assim como os soviéticos viveram seu desaparecimento com a queda do muro de Berlim.

Porém, nem toda queda de império tem um sinal tão evidente. Freud viu seu Império desmoronar, não o da psicanálise, mas o do território em que ele desenvolveu suas teorias. A queda do Império Austro-Húngaro não teve um fato tão óbvio, embora uma antiga série da BBC tenha chamado de a queda das águias, ao colapso do Império Russo, Alemão e Austro-Húngaro após a primeira guerra. Em geral, os impérios são erguidos e derrubados desde que o homem inventou a ordem totêmica.

Embora Freud tenha caído algumas vezes, ele desmaiou em algumas ocasiões conversando com Jung. Em uma delas, o assunto era o faraó monoteísta Amenophis IV (Ikenaton). Quando ele voltou a si, disse: “*Que bom deve ser morrer!*”. Jung diz a Freud ter ficado preocupado, a que o professor responde: “*Que cada um de nós dê mais atenção à sua própria neurose do que à de seu vizinho*”.

O que cai quando um império desmorona? A leitura psicanalítica me leva a ressaltar que quando cai um império, o que cai é algo que tem a ver com o colapso do emblema que serve como padrão ou suporte para a figura do Pai. Daí o horror, mas também a fascinação. A perda do centralismo pode simbolizar a morte do pai opressor, embora para outros é a perda de um pai-estado organizador e estável que garanta uma função de futuro. A tradição quer manter a noção da unicidade, do indissolúvel, do íntegro e seu grande temor é a desagregação que será reconhecida com o significado pejorativa de caos.

Há algo nessas quedas em que tais atos, como colapsos de ídolos, são como sinais da morte e isso está relacionado à etimologia.

A palavra “queda” tem origem no latim e indica o movimento que designa uma ação que vai de cima para abaixo. E é a raiz que dá origem à palavra cadáver, caindo, aquilo que não pode ficar em pé.

*Nam cadaver nominatum a cadendo, quia iam stare non potest*⁹ (Etimologías, Libri XX, Liber XI. II, De Aetatibvs Hominvm. San Isidoro de Sevilla).

Quando não se está caído (cadáver) mas também não se está em pé, isto se chama in-firme (enfermo), doente. Quando se está sepulto já não é cadáver.

Esta ideia de in-firme pode-me levar associativamente à outra queda que chama a minha atenção, a queda de uma doente nos braços do médico que a atende, como acontece no caso histérica.

O que afirma Charcot quando abraça à mulher que desmaia nos seus braços? De acordo com a etimologia há algo de cadáver no corpo que o médico segura nos seus braços, um corpo que não está firme, que se sente desfalecer. Milênios atrás era um útero que não encontrava lugar. Depois, Freud segura a sua queda no divã e faz um discurso do seu desfalecimento.

O desmaio histérico se torna símbolo, o cadáver do corpo que cai doente (infrme/enfermo) se converte em manifestação do desejo sexual, em um substituto de *petites mortes* que não acham seu lugar no seu corpo, já que não há um homem que sustente seu desejo. O corpo na histeria morre de amor, ou melhor, da sua falta. A nomenclatura inglesa namorar, implica cair no amor: *fall in love*. No meu país se diz: *perder la cabeza*.

As representações da loucura feminina tem estado unidas ao amor, ou à heresia. A amante, tipo Madame Bovary, pede braços que a segurem mas só encontra a morte como a encontrou Ofélia séculos antes, assim como a encontrou a agitada revolucionária francesa Theroigne de Mericourt¹⁰. A histérica do século XIX deixou de ser condenada à fogueira e fez do seu

9. Do latim, cadáver vem de cair, o que não pode permanecer.

10. Anne-Josèphe Théroigne de Méricourt, nascida em 13 de Agosto de 1762 e falecida no Hospital de la Salpêtrière de Paris, 23 de Junho de 1817, foi uma mulher política, heroína da Revolução Francesa.

desejo transbordado um gesto. Três elementos que serão daqui em diante uma espécie de ameaça para a visão masculina: a mulher que ama, a mulher emancipada e a mulher que transborda a sua sexualidade.

O desejo da mulher não encontra braços firmes mas in-firmes, talvez por isto seu ser se desequilibra, desmaia, cai. Lembro do caso de Elizabeth von R¹¹, cujo sintoma de astasia-abasia pode se ler como o gesto que antecipa uma queda.

Na mitologia grega está o caso de Hero. Toda noite Leandro se joga nas águas à procura de Hero, ela põe uma lâmpada na torre em que mora do outro lado do Helesponto. Um dia Leandro morre nas águas porque um vento apagou a lâmpada. Leandro morre nas águas do Bósforo, Hero se joga a elas da torre. Séculos depois, Elizabetha, a virgem prometida de Drácula, também se joga da torre quando soube do suposto falecimento do seu namorado. Dizem que essas atitudes são precipitadas.

Precipitar-se significa, em latim, se jogar com a cabeça à frente (praecipitum), daí o nome de precipício. Jogar-se no vazio é como o sinal do não retorno, do irreversível do tempo. Quem se precipita, se lança com a cabeça à frente, é o devir da morte, aquele que coloca a cabeça à frente.

Mas nossa histórica se joga de forma contrária, seu corpo se abre em um gesto de êxtase, onde o seu olhar não procura a terra mas o céu, como se vê no gesto de Santa Teresa esculpido por Bernini .

No primeiro caso, o ser que cai, que se precipita, que põe a cabeça à frente, está a perda irremediável. No segundo caso, na queda do amor, no desmaio histórico, o sinal do desejo por um reencontro.

Louise Bourgois tem uma escultura chamada *Arch of Hysteria*, na qual ela procura refletir aquele típico desmaio que Charcot observou, um corpo suspenso no ar, algo andrógino (o modelo de sua escultura era um homem), corpo sem cabeça, fazendo um arco perfeito, oferecendo seu sexo ao céu. Bourgois mostra isso claramente na escultura, sobre a qual o crítico de arte Fulwood Lampkin escreve: *Nunca seja sólido e estável como homem, mas emocional, instável, vulnerável como uma mulher*. Um paradoxo porque

11. Caso Elisabeth von R., publicado nos Estudos sobre histeria (Breuer & Freud, 1895/2000)

podemos dizer que se algo é instável e vulnerável é a ereção sexual masculina.

Quantas coisas caem para o pensamento racional com a queda da histeria? Porque com elas caem as certezas de que as leis da natureza governam o corpo, não é a anatomia que molda o corpo, o que constrói o corpo são os desejos e o curso de suas histórias. A biologia cede o seu lugar, então isso incomoda a medicina e as ciências naturais positivas, a base é agora outra, um lugar incerto chamado inconsciente, um lugar governado por uma psique que tem outras formas de organização que escapa à compreensão da lógica médica. O corpo da anátomo-fisiologia cai e nos deixa outro corpo, uma forma etérea, o corpo da pulsão. As formas apolíneas caem, citando Nietzsche, para que o impulso dionisíaco possa surgir.

Com a queda da histeria, as certezas do amor também caem. De alguma forma, a histérica cai porque seu desejo não pode se sustentar, porque o objeto, que idealmente se configurou naquele lugar virtual do inconsciente, não corresponde ao objeto da realidade. A imago é separada do corpo externo do amor, que é despedaçado.

Diante do lugar onde enterramos nossos mortos, nosso ser desmaia, enquanto vemos como o corpo ao qual nossas afeições se ligaram afunda na terra. O amor e a morte fazem o soma cair, Eros e Thanatos arrastam os corpos para a posição deitada, com o rosto olhando para o céu, que pareceria a lei da gravidade da vida.

THE FALL

ABSTRACT: One of the marks of origin that the psychoanalytic discipline has is related to hysterical phenomena. The fainting or fall, of these patients is one of the frequent symptoms that Freud encountered in his time. This essay tries to approach some senses that allow to extend the meaning of the phenomena related to the notion of the fall.

KEYWORDS: hysteria, fall, father, idealization.

LA CAÍDA

RESUMEN: Una de las marcas de origen que tiene la disciplina psicoanalítica se relaciona con los fenómenos histéricos. El desmayo o caída, de estas pacientes es uno de los síntomas frecuentes que Freud encontró en su época. Este ensayo intenta abordar algunos sentidos que permitan ampliar la significación de los fenómenos relacionados con la noción de la caída.

PALABRAS-CLAVE: histeria, caída, padre, idealización.

Referências

Freud S. (1895) Estudios sobre la Histeria. In: *Obras Completas*. Tomo I. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.

Nietzche, F. (1886). *El origen de la Tragedia*. Espasa Calpe.

Quignard, P. (1996). *Butes*. Editorial Sexto Piso.

Quignard P. (1998). *La vida secreta*. Editorial Espasa

Rosignon Christophe (produtor) & Kassovitz Mathieu (diretor) (1995). *La Haine* (cinta cinematográfica). Francia. Canal +